

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V — Número 1.514

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-6

Oficinas de Impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Quinta-feira, 1 de Novembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

Espada aos peitos

A Batalha, depois de ter sido proibida durante dois dias seguidos de circular livremente, encontra-se ainda—e isso talvez o leitor desconhecesse—sob um odioso regime de prévia censura.

Todas as manhãs um agente leva ao governo civil um exemplar de *A Batalha* e só depois de não sabemos quem ter procurado aviadamente nas nossas colunas o *calcanhar de Aquiles* por onde seja possível vibrar-lhe a punhalada da proibição de publicidade é que, dado o caso de não se encontrar esse *calcanhar*, isto é, matéria que não irrite os nervos do ilustre desconhecido que no mistério do governo civil nos lhe, se permite a venda a normal aos nossos leitores. Esta situação é para nós vexatória e para as autoridades abusivas. Estas nem sequer mostraram por palavras ou gestos quais são os assuntos que não lhes convém serem tratados na *Batalha* e nós, por muito inteligentes e argutos que sejamos também não somos capazes de adivinhar que qualidade de assuntos consideraram perigosos para a ordem social. Mas, mesmo que o soubéssemos e, desde que não os considerássemos em nossa consciência de que seriam perigosos para a ordem pública não nos corriremos de versá-los nas nossas colunas sempre que o entendessessemos necessário.

A Batalha, sendo um jornal de enérgico e constante combate, usa entretanto duma delicadeza de termos e duma compostura de linguagem que nem sempre os jornais republicanos usaram no tempo da monarquia.

Essa sóbria atitude na luta correcta, leal e franca e a justiça das ideias que defendemos dão-nos autoridade moral para protestar contra a censura prévia de que estamos sendo alvo, regime de exceção que não pode continuar sem que os princípios basilares da república sofram um forte abalo.

Numa república de livre pensamento, exercer-se, assim, uma censura odiosa contra o jornal, que representa uma das correntes de opinião portuguesa mais forte e mais respeitável, é um contrasenso que faz mais mal aos perseguidos do que aos perseguidos.

A censura é a espada que as autoridades desleitamente nos aponham aos peitos.

CRÓNICA DE MELILLA

Para a história do militarismo espanhol

50 mil estrelados.—O exército mais caro do mundo.—Derrotado em Cuba, nas Filipinas

e em África—Amual e Mont Arruit

O militar espanhol, o oficial, o militar de profissão—não o soldado para nada o incluiu—é católico, apostólico e fanático, entregue ao imenso poder da Igreja. Por isso precisamente o militar espanhol será arranjado—foi, porque já o não é—porém, não é inteligente. Tudo menos isso. Está fossilizado pelo jesuítismo e no seu cérebro não resplandece a inteligência. En quanto a ideias progressistas, não as admite porque não as comprehende. Sua compreensão está contida pelo fanatismo. Mentalidade estreita e muitos foros, é o que tem a casta militar em Espanha.

O militarismo desta nação é arrogante, altaneiro, versátil, orgulhoso de sua casta; porém, não é valente nem organizador como o militarismo teutônico. Em nada se lhe parece. Aquele, quando menos, é uma força capaz de defender a sua pátria; este nem para isso serve. E não se julgue que a casta militar espanhola seja pouco numerosa, não; alcança um número portentoso de indivíduos, até ao extremo de que o orçamento de guerra espanhol é proporcionalmente, o mais, elevado do mundo.

Há em Espanha, no activo e na reserva, pois que todos recebem soldo, mais de 500 mil oficiais, milhares de coronéis e mais milhares de milhares de chefes e oficiais, prefazendo entre todos

a respetabilíssima soma de cinqüenta mil estrelados. E a Espanha é um povo que escassamente atinge vinte milhões de habitantes, querer dizer, trata-se de uma povoação escassa, pobre e dedicada aos trabalhos agrícolas. Se estas cifras se resultam como falsas, que se refutem publicamente, para vermos quem nega os dados publicados por organismos competentes.

O militarismo espanhol em poucos anos perdeu, tem perdido o seu prestígio e antes que o prestígio as ilhas e a vergonha. Primeiramente foi vencido em Cuba e nas Filipinas, depois em África, na desastrosa e impampular guerra de África, que ainda dura para afronta e vergonha do novo espanhol que a tolera e aguenta. E o nosso ilustre exército espanhol viu-se, ve-se ainda envolvido por um povo "não civilizado", porém ardente defensor da sua independência, ardente lutador contra os ladrões que vão saquear-lhe o solo e as riquezas do Riff.

Quantos descalabros tem passado o militarismo espanhol em África! Quantas vezes os ufanos estrelados, os ufanos "rum" tem corrido cobardemente ante os fortes filhos de Agar! O militarismo espanhol nunca pôde obter um triunfo sobre os riñenos, durante os 14 anos que dura a bactombe que engole a juventude ibérica.

Apesar de os espanhóis contarem com

barcos de guerra, aeroplanos, balões, artilharia, cavalaria e militares de homens, sempre tiveram derrotados. E não contando os bravos defensores do Riff mais do que com o alfanje e a "fusil" tem ganho barcos de guerra, aeroplanos, canhões e brilhantes vitórias sobre o exército de uma potência europeia e "civilizada". O Barranco do Lobo, Amual e outros, são feitos ilustres para os guerreiros de além do estreito de stima ignomina para os heróicos cristãos cujos pais foram os godos de Ataulfo.

O'Donnell, no século passado, exigiu

uma quantia aos mouros, como indemnização, para o fim da guerra. Abd-el-Krim cobra a divida de ontem, coroando-se com a auréola de Amual e Monte Arruit, com centenas de prisioneiros, entre elas ilustres generais e doze mil cadáveres numa só batalha, Se O'Donnell pediu uma quantia como termo de uma guerra, Abd-el-Krim a pediu como continuação de outra. E cobrou-a. Evidentemente os árabes avançaram, dando-se o caso de que Abd-el-Krim, sem grandes estudos de balística e sem ter saído da Academia de Toledo, venceu os oficiais de farda cintada e olhar desdenhoso.

Mas, as derrotas de um povo, de uma

classe como a de um exército, obedecem a uma causa, causa que deu tais resultados. E na maioria dos casos, especialmente quando a superioridade numérica

está, da parte do agressor, se um exército sofre derrotas são estas devidas à desmoronização dos seus componentes.

E exército foi derrotado no norte africano; o exército espanhol era o agressor que ia "conquistar" a terra de outrem, que ia roubar, violar, saquear os domínios de pacíficos habitantes; e esse exército foi batido.

E que, leitor amigo, não Riff como na América, os espanhóis foram sempre os mesmos: agentes ferocios, percursoras da Barba e da destruição.

O militarismo espanhol está desmoronizado e é imoral.

Imoral é esta série de crimes realizados em África, pela violência, cometida contra multíssimas mulheres, até ao extremo de que um só capitão violava quarenta filhas de Islan; pela morte de pequenos seres que pouco tinham que ver com os litígios de seus maiores; pela destruição de infinitas cabanas; pelo exterminio com que se trata os laboriosos homens daquelas terras; pelo escandaloso negócio que para os militares significa a guerra entre os povos; pelas respeitosas riquezas dos altos cargos que ali mandam, naquelas terras onde continuamente derrama sangue humano e onde os espanhóis exercem o papel de verdugos, de invasores, de horda selvagem que vai ali para consolidar a pilhagem

ordenada pelos maguetes da finança e da política.

Desde o ano de 1909 até 1921 se sucederam, sem interrupção, os ultrajes, as violências, o arrasamento de habitações e de povoados. Tanta injustiça reino, a fera sensibilidade dos homens que juraram tomar vingança, aos que os tratavam tam vandálica mente. E tomaram-na.

Amual gritavam os corações dos espanhóis possuídos pelo espanhol. Amual proferiam os árabes cheios de fúria perseguidora contra os altivos invasores que fugiam de terror.

As immoralidades produziram o desastre; o desastre militar de África originou, formou a corrente de opinião que em Espanha os acusava e fôram exigidas responsabilidades aos autores de tanta vergonha. Isto equivalia a dizer que a Nação reconhecia o fracasso, a imoralidade e a inépcia do militarismo dos militares. Estes, os estrelados, os fugia, não podiam, não deviam nem queriam ser declarados inúteis, ineptos e culpados ante o País, ainda que o fôram ante os homens do turbante que os fizeram correr como garotos, a começar pelo general Silvestre.

E aqueles polvos trouxeram estes lodos!

Melilla, outubro de 1923.

Huna KARDIN

A ALEMANHA

está nas vésperas de novos e maiores acontecimentos

A pressão que a fome exerce nos espíritos, poderá ter o efeito súbito dum explosão

BERLIM, 30.—A guerra civil lava no Reich. Por toda a parte recontros, mortos, feridos. Homens, mulheres e crianças, são impelidos pela fome para a frente das balas das metralhadoras. Hamburgo, Berlim, Frankfurt, Essen... toda a Alemanha!

Os mineiros fazem greve na Alemanha central. Os operários dos portos jazem na miséria, inactivos. O Ruhr está morto. Uma após outra, as fábricas fecham as suas portas. Na Renânia, sob a proteção das baionetas estrangeiras, os separatistas de Poincaré querem arrancar um novo membro ao corpo de Alemanha. E por toda a parte novas revoltas da fome estalam, tanto na Baviera de von Kahr como sob o regime militar da Entente.

Um povo de sessenta milhões de homens, debate-se em indiscritivas sofrimentos. Nuvens sombrias acumulam-se no horizonte político.

O dólar que custa em França 17 francos, vale aqui 120 milhares de marcos. Os preços são excessivos e isso cria um pânico geral nas famílias operárias ou da classe média. O espetro da fome está por toda a parte. A burguesia tremete. Ela está convencida da proximidade da tempestade. Ela sente que o estado de si e os fusilamentos são inúteis. O velho papél-moeda tornou um outro nome. Assim, pretende-se enganar o povo por alguns dias mais. Mas o comunismo tornou-se para a burguesia uma ameaça crescente. Os capitalistas fecham as suas empresas e põem o seu dinheiro no seguro no estrangeiro.

Mas o proletariado não queria afundar-se.

A social-democracia—última fronteira do burgo—está contra a revolução que chega. Ela tenta sabotar a frente única que por toda a parte se forma. Ela apoia abertamente Stressemann e os seus assassinos. Sollmann engana Zeigner assegurando-lhe que o envio de tropas para a Saxônia é apenas para ameaçar a Baviera. Em plena sessão do Landtag, o socialista da esquerda Zeigner deve denunciar aos operários as manobras do socialista da direita Sollmann. Os operários abandonam o partido socialista. Hoje Ebert e Stressemann atacam abertamente.

Neste momento crítico os comunistas proclamam:

O dever é encetar o combate por todos os meios contra os fascistas e o seu governo, contra o estado de si e o bloco. A luta por todos os meios é hoje a única maneira de escapar à morte pela fome. — (E.)

Stressmann derruba pela fôrça o governo socialista-comunista da Saxônia

imediatamente restabelecida a normalidade constitucional.

O partido popular bávaro considera impossível chegar-se a acordo com o governo de Berlim se este insistir no pedido de demissão do general von Lossow.

Uma emissão de 1.300 bilhões de marcos

BERLIM, 31.—Molterhoff ministro das finanças lançou uma proclamação informando a população de que a nova moeda está prestes a entrar em circulação e deverá ser aceite por todos depois do meado de novembro. A primeira emissão será de 1.300 bilhões de marcos.

Uma explosão nos aquartelamentos de Schwerin

BERLIM, 31.—Foi provocada uma explosão nos aquartelamentos de Schwerin no Mecklemburgo, na noite de segunda, para terça, que causou grandes prejuízos materiais, não havendo contudo, felizmente, vítimas a assinalar. Os autores da prola conseguiram escapar. Supõe-se que são comunistas.

Continua a rendição dos rebeldes

ATENAS, 31—Continua a rendição dos rebeldes. O número dos que se entregaram ascende já a 5.000.

C.G.T.

A Baviera resiste a Stressmann

BERLIM, 31.—A situação da Saxônia e da Baviera tem impressionado profundamente os sociais-democratas. O comité do partido socialista está examinando a possibilidade de se retirar do governo de coligação.

Segundo dizem de Munich o governo avaro tencionava protelar o mais possível a réplica à nota energica do governo de Berlim solicitando que seja im-

OS ACONTECIMENTOS DO PORTO

UM PROTESTO VITORIOSO

O sindicato dos mineiros e a cozinha comunista foram reabertos

A atitude dos heroicos lutadores de São Pedro da Cova—A greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

—greve geral foi suspensa. As razões da sua suspensão:

A farça política

A crise ministerial — Ai vem o Afonso!

Um manifesto do partido radical

A política portuguesa está oferecendo agora, que não existe governo (provavelmente que pode existir uma sociedade sem governo, porque a gente vive) aspectos que entrem com certas escenas do céram.

A farça política decorre agora numa das suas melhores partes.

Caiu o António Maria nenhum outro governo se encavalhou nos ombros da nação. O país aguarda, soturno, melancólico, impaciente quem o monte...

Os democráticos estão dispostos a continuar na governança embora, o sr. Cunha Leal, nacionalista, seja de opinião que é tempo de os nacionalistas gosarem um bocadinho...

O grupo parlamentar democrático esteve ontem reunido numas das salas do Congresso, a fim de apreciar a situação. A discussão esteve animada.

Chegaram à conclusão de que, nem podia deixar de ser — o sr. Afonso Costa é que poderia salvar isto.

Desataram a pedir Afonso, como certas crianças mal-criadas pedem as verses, emulação de chicote.

Para Paris foi expedido, um telegrama neste termos

Coliseu dos Recreios
HOJE - QUINTA-FEIRA - HOJE
INAUGURAÇÃO DAS MATINÉES ELEGANTES
A's 14,30 (2 e meia) A's 21 (9 da noite)
GRANDIOSA MATINÉE MAGNÍFICO PROGRAMA
O espetáculo mais artístico, mais variado, e mais barato de Lisboa
3 PARELHAS DE PALHAÇOS
A grande novidade mundial: A CABECA SEM CORPO e todas as atrações da Grande Companhia de Circo

Mineiros grevistas

Urge auxiliar os heroicos grevistas em luta contra uma empresa desumana e exploradora

A luta em que estão empenhados os mineiros de São Pedro da Cova, é luta heróica que há dois meses tem posto à prova a energia e a combatividade dos escravos do sub-solo, persiste com o mesmo entusiasmo do primeiro dia. E' que os bravos mineiros lutam pelo pão de seus filhos, lutam para que a empresa lhes reconheça o seu direito à vida como homens e não como escravos, situação em que se encontravam na ocasião em que lancaram o seu movimento revindicador.

Embora já tivessem começado as perseguições, pois já estão encarcerados dez operários das minas, esse facto em nada faz desanimar os grevistas que continuam dispostos a manter-se na mesma atitude até que sejam atendidos suas justíssimas reclamações.

O proletariado do país tem o dever de prestar a sua solidariedade aos heróicos mineiros, para que a sua causa triunfe. Tem obrigação de contribuir monetariamente no sentido de que nela lhes fale e possam resistir à empresa exploradora que deseja ver render pela fome os trabalhadores que tem escravizados.

Não é por certo com algumas centenas que os operários de todo o país têm as suas magras férias, que vão desequilibrar os seus orçamentos caseiros. E sendo assim cumprido com o seu dever de solidariedade, ajudando os bravos mineiros a impôr os seus direitos a uma empresa que os ronda e os escraviza.

Que o proletariado de todo o país saiba mais uma vez demonstrar que a solidariedade entre os que trabalham não é uma palavra viva.

Auxiliemos, pois, os mineiros da São

SOLIDARIEDADE OPERÁRIA

Importâncias recebidas em "A Batalha"

Transporte 775\$60. - Quente tirada na sessão dos Ferroviários do Sul e Sueste, 795\$5; Quente aberta entre o pessoal das Companhias Reunidas Gaze e Elétricidade (Secção de Laboratório, Bôa Vista), 295\$0; Quente entre o quadro tipográfico de "A Batalha", 18\$00; J. A., 25\$00; a transportar 904\$05.

No Porto

Continuação dos donativos: União dos Trabalhadores Fluviais, da lista n.º 53, 10\$00; Joaquim do Carmo, n.º 431, 3\$00; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 432 a 436, 164\$05; José Ribeiro Filipe, n.º 437, 25\$00; Correios e Telegrafos, n.º 438 e 439, 44\$00; José Teixeira Brito, n.º 440, 55\$00; Luis Cruz, n.º 441, 31\$00; Benigno Belo Tavares, n.º 443, 15\$50; José Fontes, n.º 444 e de 446 a 448, 41\$40; Associação dos Vidreiros, dos n.º 449 a 453, 102\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 456, 458 e 466, 32\$00; Ernesto Machado, n.º 482, 30\$50; Elísio Pinto Cardoso, n.º 485, 37\$20; Francisco Ferrão, n.º 488, 45\$00; José Moreira Gomes, n.º 489, 75\$00; Joaquim do Carmo, n.º 494, 35\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 5\$00; S. U. Metalúrgico, dos n.º 500 a 518, 520 e 526 a 528, 118\$00; Centro Socialista Aguas Santas, n.º 530, 531 e 495\$00; José Moreira Gomes, n.º 501, 7\$00; Ass. Chapeleiros, dos n.º 503 a 571, 107\$75; Manuel For-

tuno, n.º 603 e 604, 35\$25; Luis Cruz, n.º 609, 20\$50; João Elvas, n.º 610, 16\$50; Sindicato Único Mobiliário, da lista n.º 53, 10\$00; Ribeirinho Guimarães, n.º 675, 22\$50; Fortunato Pereira, n.º 766, 20\$50; Sub-comissão de Miragaia, n.º 693, a 698, 146\$00; Sub-comissão de Sá, n.º 701, 705 e 706, 24\$45; Ass. Chapeleiros, n.º 718 a 720, 30\$50; Liga das Artes Gráficas, n.º 732 a 740 e 742 a 749; 117\$00; Sub-comissão de Bôa Vista, n.º 761 a 775, 110\$00; De Gaia: S. U. Metalúrgico, n.º 728, 40\$30.

Joaquim Pinheiro, n.º 616, 13\$00; Liga das Artes de Viação, n.º 622 a 628, 69\$55; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 630 a 635, 115\$85; José da Silva Brito, n.º 637, 5\$00; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 646, 19\$75; Joaquim do Carmo, n.º 649, 67\$40; Fortunato Pereira, n.º 650 e 651, 36\$70; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 652, 17\$50; As. Chapeleiros, n.º 653, 654 e 657, 37\$00; sub-comissão da Sá, dos n.º 663 a 668, 96\$45; As. Confeiteiros, n.º 684, 8\$00; As. Chaufeurs do Norte de Portugal, n.º 535 e 545, 236\$50.

Abilio Barros Guimarães, das listas n.º 1 a 2, 33\$95; João Lázaro, da lista n.º 5, 20\$95; Joaquim do Carmo, n.º 6, 28\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 7, 8 e 9, 5\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 46\$25; Sindicato Único Têxtil, dos n.º 515 a 518, 520 e 526 a 528, 118\$00; Centro Socialista Aguas Santas, n.º 530, 531 e 495\$00; José Moreira Gomes, n.º 501, 7\$00; Ass. Chapeleiros, dos n.º 503 a 571, 107\$75; Manuel For-

tuno, n.º 603 e 604, 35\$25; Luis Cruz, n.º 609, 20\$50; João Elvas, n.º 610, 16\$50; Sindicato Único Mobiliário, da lista n.º 53, 10\$00; Ribeirinho Guimarães, n.º 675, 22\$50; Fortunato Pereira, n.º 766, 20\$50; Sub-comissão de Miragaia, dos n.º 693, a 698, 146\$00; Sub-comissão de Sá, n.º 701, 705 e 706, 24\$45; Ass. Chapeleiros, n.º 718 a 720, 30\$50; Liga das Artes Gráficas, n.º 732 a 740 e 742 a 749; 117\$00; Sub-comissão de Bôa Vista, n.º 761 a 775, 110\$00; De Gaia: S. U. Metalúrgico, n.º 728, 40\$30.

Joaquim Pinheiro, n.º 616, 13\$00; Liga das Artes de Viação, n.º 622 a 628, 69\$55; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 630 a 635, 115\$85; José da Silva Brito, n.º 637, 5\$00; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 646, 19\$75; Joaquim do Carmo, n.º 649, 67\$40; Fortunato Pereira, n.º 650 e 651, 36\$70; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 652, 17\$50; As. Chapeleiros, n.º 653, 654 e 657, 37\$00; sub-comissão da Sá, dos n.º 663 a 668, 96\$45; As. Confeiteiros, n.º 684, 8\$00; As. Chaufeurs do Norte de Portugal, n.º 535 e 545, 236\$50.

Abilio Barros Guimarães, das listas n.º 1 a 2, 33\$95; João Lázaro, da lista n.º 5, 20\$95; Joaquim do Carmo, n.º 6, 28\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 7, 8 e 9, 5\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 46\$25; Sindicato Único Têxtil, dos n.º 515 a 518, 520 e 526 a 528, 118\$00; Centro Socialista Aguas Santas, n.º 530, 531 e 495\$00; José Moreira Gomes, n.º 501, 7\$00; Ass. Chapeleiros, dos n.º 503 a 571, 107\$75; Manuel For-

tuno, n.º 603 e 604, 35\$25; Luis Cruz, n.º 609, 20\$50; João Elvas, n.º 610, 16\$50; Sindicato Único Mobiliário, da lista n.º 53, 10\$00; Ribeirinho Guimarães, n.º 675, 22\$50; Fortunato Pereira, n.º 766, 20\$50; Sub-comissão de Miragaia, dos n.º 693, a 698, 146\$00; Sub-comissão de Sá, n.º 701, 705 e 706, 24\$45; Ass. Chapeleiros, n.º 718 a 720, 30\$50; Liga das Artes Gráficas, n.º 732 a 740 e 742 a 749; 117\$00; Sub-comissão de Bôa Vista, n.º 761 a 775, 110\$00; De Gaia: S. U. Metalúrgico, n.º 728, 40\$30.

Joaquim Pinheiro, n.º 616, 13\$00; Liga das Artes de Viação, n.º 622 a 628, 69\$55; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 630 a 635, 115\$85; José da Silva Brito, n.º 637, 5\$00; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 646, 19\$75; Joaquim do Carmo, n.º 649, 67\$40; Fortunato Pereira, n.º 650 e 651, 36\$70; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 652, 17\$50; As. Chapeleiros, n.º 653, 654 e 657, 37\$00; sub-comissão da Sá, dos n.º 663 a 668, 96\$45; As. Confeiteiros, n.º 684, 8\$00; As. Chaufeurs do Norte de Portugal, n.º 535 e 545, 236\$50.

Abilio Barros Guimarães, das listas n.º 1 a 2, 33\$95; João Lázaro, da lista n.º 5, 20\$95; Joaquim do Carmo, n.º 6, 28\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 7, 8 e 9, 5\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 46\$25; Sindicato Único Têxtil, dos n.º 515 a 518, 520 e 526 a 528, 118\$00; Centro Socialista Aguas Santas, n.º 530, 531 e 495\$00; José Moreira Gomes, n.º 501, 7\$00; Ass. Chapeleiros, dos n.º 503 a 571, 107\$75; Manuel For-

tuno, n.º 603 e 604, 35\$25; Luis Cruz, n.º 609, 20\$50; João Elvas, n.º 610, 16\$50; Sindicato Único Mobiliário, da lista n.º 53, 10\$00; Ribeirinho Guimarães, n.º 675, 22\$50; Fortunato Pereira, n.º 766, 20\$50; Sub-comissão de Miragaia, dos n.º 693, a 698, 146\$00; Sub-comissão de Sá, n.º 701, 705 e 706, 24\$45; Ass. Chapeleiros, n.º 718 a 720, 30\$50; Liga das Artes Gráficas, n.º 732 a 740 e 742 a 749; 117\$00; Sub-comissão de Bôa Vista, n.º 761 a 775, 110\$00; De Gaia: S. U. Metalúrgico, n.º 728, 40\$30.

Joaquim Pinheiro, n.º 616, 13\$00; Liga das Artes de Viação, n.º 622 a 628, 69\$55; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 630 a 635, 115\$85; José da Silva Brito, n.º 637, 5\$00; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 646, 19\$75; Joaquim do Carmo, n.º 649, 67\$40; Fortunato Pereira, n.º 650 e 651, 36\$70; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 652, 17\$50; As. Chapeleiros, n.º 653, 654 e 657, 37\$00; sub-comissão da Sá, dos n.º 663 a 668, 96\$45; As. Confeiteiros, n.º 684, 8\$00; As. Chaufeurs do Norte de Portugal, n.º 535 e 545, 236\$50.

Abilio Barros Guimarães, das listas n.º 1 a 2, 33\$95; João Lázaro, da lista n.º 5, 20\$95; Joaquim do Carmo, n.º 6, 28\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 7, 8 e 9, 5\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 46\$25; Sindicato Único Têxtil, dos n.º 515 a 518, 520 e 526 a 528, 118\$00; Centro Socialista Aguas Santas, n.º 530, 531 e 495\$00; José Moreira Gomes, n.º 501, 7\$00; Ass. Chapeleiros, dos n.º 503 a 571, 107\$75; Manuel For-

tuno, n.º 603 e 604, 35\$25; Luis Cruz, n.º 609, 20\$50; João Elvas, n.º 610, 16\$50; Sindicato Único Mobiliário, da lista n.º 53, 10\$00; Ribeirinho Guimarães, n.º 675, 22\$50; Fortunato Pereira, n.º 766, 20\$50; Sub-comissão de Miragaia, dos n.º 693, a 698, 146\$00; Sub-comissão de Sá, n.º 701, 705 e 706, 24\$45; Ass. Chapeleiros, n.º 718 a 720, 30\$50; Liga das Artes Gráficas, n.º 732 a 740 e 742 a 749; 117\$00; Sub-comissão de Bôa Vista, n.º 761 a 775, 110\$00; De Gaia: S. U. Metalúrgico, n.º 728, 40\$30.

Joaquim Pinheiro, n.º 616, 13\$00; Liga das Artes de Viação, n.º 622 a 628, 69\$55; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 630 a 635, 115\$85; José da Silva Brito, n.º 637, 5\$00; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 646, 19\$75; Joaquim do Carmo, n.º 649, 67\$40; Fortunato Pereira, n.º 650 e 651, 36\$70; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 652, 17\$50; As. Chapeleiros, n.º 653, 654 e 657, 37\$00; sub-comissão da Sá, dos n.º 663 a 668, 96\$45; As. Confeiteiros, n.º 684, 8\$00; As. Chaufeurs do Norte de Portugal, n.º 535 e 545, 236\$50.

Abilio Barros Guimarães, das listas n.º 1 a 2, 33\$95; João Lázaro, da lista n.º 5, 20\$95; Joaquim do Carmo, n.º 6, 28\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 7, 8 e 9, 5\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 46\$25; Sindicato Único Têxtil, dos n.º 515 a 518, 520 e 526 a 528, 118\$00; Centro Socialista Aguas Santas, n.º 530, 531 e 495\$00; José Moreira Gomes, n.º 501, 7\$00; Ass. Chapeleiros, dos n.º 503 a 571, 107\$75; Manuel For-

tuno, n.º 603 e 604, 35\$25; Luis Cruz, n.º 609, 20\$50; João Elvas, n.º 610, 16\$50; Sindicato Único Mobiliário, da lista n.º 53, 10\$00; Ribeirinho Guimarães, n.º 675, 22\$50; Fortunato Pereira, n.º 766, 20\$50; Sub-comissão de Miragaia, dos n.º 693, a 698, 146\$00; Sub-comissão de Sá, n.º 701, 705 e 706, 24\$45; Ass. Chapeleiros, n.º 718 a 720, 30\$50; Liga das Artes Gráficas, n.º 732 a 740 e 742 a 749; 117\$00; Sub-comissão de Bôa Vista, n.º 761 a 775, 110\$00; De Gaia: S. U. Metalúrgico, n.º 728, 40\$30.

Joaquim Pinheiro, n.º 616, 13\$00; Liga das Artes de Viação, n.º 622 a 628, 69\$55; sub-comissão de Miragaia, dos n.º 630 a 635, 115\$85; José da Silva Brito, n.º 637, 5\$00; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 646, 19\$75; Joaquim do Carmo, n.º 649, 67\$40; Fortunato Pereira, n.º 650 e 651, 36\$70; Júlio Ferreira do Azevedo, n.º 652, 17\$50; As. Chapeleiros, n.º 653, 654 e 657, 37\$00; sub-comissão da Sá, dos n.º 663 a 668, 96\$45; As. Confeiteiros, n.º 684, 8\$00; As. Chaufeurs do Norte de Portugal, n.º 535 e 545, 236\$50.

Abilio Barros Guimarães, das listas n.º 1 a 2, 33\$95; João Lázaro, da lista n.º 5, 20\$95; Joaquim do Carmo, n.º 6, 28\$50; S. U. Metalúrgico, dos n.º 7, 8 e 9, 5\$00; S. U. Mobiliário, dos n.º 495 a 497 e 499, 46\$25;

"A BATALHA" NA Província e nos Arredores

RECORDAÇÕES DO SEIXAL

A saborosa uva e o inútil Vinho — Onde deve ser o lugar dos idealistas

O vinho tinto

Os viticultores andavam de orelha muricha porque os cachos estavam vadios em virtude da seca ser muito grande. Mas graças a Deus nosso senhor! o tempo mudou e alguns borbotões regaram a terra e as uvas pelo que os fabricantes de vinho andavam radiantes com o benefício prestado às suas algibeiras pelo Creador.

Em face da chuva benfeizão os cachos encheram e logo a seguir procedeu-se à vindima.

Ranchos de homens e mulheres procediam a este serviço e de parte acom-



SEIXAL — Rua Fernando de Sousa

panhamos todos os trabalhos até final. Sucedeu que nesta região os pequenos viticultores são muitos e os lagares são poucos e à parte alguns mais agarrado que não empresa o lagar, a maioria é elas fazem geito aos seus colegas e assim nota-se que tem de estar à espera de vez prosseguido os trabalhos mesmo de noite.

Assistimos aos trabalhos nocturnos na adega — que tinha um cheiro enjoativo — e depois dos trabalhos concluídos já noite alta, saímos, metemos a um atalho onde as silvas e as oliveiras tapavam por completo a luz prateada do luar, e intimamente pensavamo-nos, o trabalho que o vinho dá a fazer e o trabalho que ele dá a atrair os que o injetam.

Quantas vitimas o Deus Baco não fará! Quem sabe?

A quantos crimes; quantas prisões e quantas misérias e quantos lares desmascarados, naquele curto espaço de tempo talvez não estivemos assistindo? Porque razão se não aproveitará o Alcool para fins mais úteis e altruístas?

A Taberna Social

Numa belíssima noite de outono, apeteceu-nos dar um passeio até à povoação.

Domingos A. RIBEIRO

Ciedade como está organizada fez ressaltar a necessidade da sua transformação, sendo religiosamente ouvido, pelo que ficamos convencidos de que naquele momento toda a assistência estava de acordo, excepto do traiulheiro Rodrigues Rato que, voltando-se para um companheiro do lado, disse: "E o juiz consente que ele diga aqui estas coisas!"

Foram absolvidos os camaradas Cândido Gomes, Henrique Vieira e Domingos Gonçalves, condenados em três e cinco dias de multa, pagas a cinquenta centavos, respectivamente, José Soares Barbosa e Manuel Correia.

Uma sessão de propaganda... Radical

Conforme uns convites ontém distribuídos, teve lugar pelas 20 horas uma sessão de propaganda e protesto contra a carestia da vida no salão da Casa do Povo Vienense, promovida pelo Centro Republicano Radical, presidida pelo tenente-coronel sr. Salustiano Correia, servindo oradores os drs. srs. Tamagnini Barbosa, Campos Lima e Orlando Marcal.

Todos os oradores atacaram isto que para ai campeia com o nome de república; a conveniência de governantes, deputados e outros altos funcionários com os causadores do estado cártyco em que se encontra o país e a necessidade de proclamar a verdadeira república para

Foi a atropalhada das testemunhas de acusação — prova evidente do fato que lhes foi encorajado, chegado a um a apresentar atestado de doença com receio de levar uma lição — que o advogado prescindiu das testemunhas de defesa.

Causou sensação o discurso do advogado porque, estando no tribunal bem representada a reacção monárquica e forças vivas, a dentro da teia, o advogado limitou-se a apresentar a causa dos delitos sociais, e combatendo a so-

salvação (apenas exclusão feita a Campos Lima) da pátria...

Campos Lima, cujo discurso, sempre interrompido pelos aplausos da enorme assistência, parecia eletrizar, desenvolveu o problema económico nos seus aspectos agrícola, financeiro e sistema tributário; apresentou o procedimento dos homens da república para com os revolucionários sociais, logo após a sua proclamação, a situação dos presos, por questões sociais e, uma vez que o operariado auxiliou a revolução radical, deve constituir a sua milícia, conservando as armas para obrigar a república, como período transitório, a trilhar o verdadeiro caminho e — não haja confusões, exclama o orador — a esta forma, preparamos a verdadeira revolução — a Revolução Social.

Todos os oradores foram vivamente aplaudidos, sendo erguidos repetidos viva á república radical, à Revolução Social, C. G. T., Batalha, aos oradores, presidente da sessão, etc.

Como representante de A Batalha, nessa cidade e em seu nome, agracemos pombos homenageando ao dr. sr. Tamagnini Barbosa as justas referências feitas a este jornal não só aqui como nos Arcos de Val-de-Vez, agradecimento extensivo ao sr. Salustiano Correia por muitas vezes as ter feito e aconselhar a sua leitura.

Solidariedade

Na sua última reunião os estudadores e pintores resolveram contribuir com 50\$00, metade para os presos por questões sociais e o restante para os mineiros de São Pedro da Cova.

Operários sem trabalho

Inesperadamente pararam as obras na doca e porto desta cidade, ficando sem trabalho mais de cem operários da construção civil.

Em virtude deste facto e para não haver maior número de braços sem ter onde empregar a sua actividade, previnem-se todos os camaradas da indústria a fim de não virem para esta localidade.

VILA VICOSA

30 DE OUTUBRO

Falta de organização

Acentua-se dia a dia a subida do prego de todos os gêneros essenciais à vida, não se fazendo sentir o necessário equilíbrio nos salários, pelo que as classes trabalhadoras estão passando por uma tremenda crise.

Apesar de todos os males que nos agridem, nota-se a falta de organização, principalmente nos trabalhadores rurais, os mais sacrificados, atendendo à exiguidade dos seus salários.

Não é na taberna que os ideais se adquirem mas sim nos seus sindicatos profissionais, dando-lhe a vida que é preciso, auxiliando-os na matéria do possível, criando escolas, instruindo-se para que com os conhecimentos se impeorem ao respeito do seu semelhante.

Abandonem portanto estes atos de depravação que a burguesia criou.

Basta que sigam o exemplo dos Ruios de Benavila, que num gesto sublime abandonaram as tabernas, para se dedicarem sómente aos seus interesses morais e colectivos.

Domingos A. RIBEIRO

29 DE OUTUBRO

Uma espécie de infame — A Baixa moral dum político reles

Como é do conhecimento dos leitores de A Batalha, realizaram-se nesta localidade no dia 21 umas festas religiosas, havendo uma procissão feita à pressa e a medo.

Para que a procissão se não realizasse reclamaram por meio dum abaixo assinado muitas criaturas, entre as quais contavam algumas mulheres, no que foram atendidas pelo administrador do concelho que não autorizou a fandanga pelas ruas, o que não obstante vislumbrou que os homens saíram mesmo contra o estipulado na lei, não sendo este facto para admirar sabido como está, que à frente de todo este cinismo, de toda esta hipocrisia, de todo este palacismo especulativo, se encontrava o não menos sinistro e não menos hipócrita, o não menos especulador já bem conhecido da organização operária, o Jaime de Castro.

O abaxo assinado de que falamos, serviu a este bandalho para fazer uma espécie de mil vezes infame. E por quê? Por que vinha de procedência individual, que não é de um só homem.

Todos os oradores atacaram isto que para ai campeia com o nome de república; a conveniência de governantes, deputados e outros altos funcionários com os causadores do estado cártyco em que se encontra o país e a necessidade de proclamar a verdadeira república para

ao ouvir o mancebo, todos chegaram à janela. Eis o que viram no boulevard, agora desobstruído da turba pelo complemento da síncope cerimônias?

A frente de um longo cortejo de operários, caminhavam quatro dos seus, levando aos homens uma espécie de broquel ornado de fitas, no centro do qual se via um pequeno cofre de madeira branca; seguia-se depois uma bandeira, em que se via lá este distílico:

Viva a República! Liberdade—Igualdade—Fraternidade.

Os transeuntes paravam e, saudando, brandavam com transporte:

— Viva a república!

Ah reconheço os bem naquele ato que praticam! exclamou o fanqueiro com os olhos arrasados de pranto. São os proletários...; que preferiram estas palavras sublimes: *Ja temos três messes de mistério ao serviço da república...*; eles, os pobres, os primeiros que foram fulminados pela crise do comércio. E todavia, também são os primeiros a oferecer à pátria o pouco que possuem... talvez metade do seu pão de amanhã...

— Eles, os deserdados da fortuna, que dão um tal exemplo aos ricos, aos felizes, trajando como todos os outros o casaco e o barrete encarnado, com a braga de ferro ao pé, e à qual estava presa uma pesada corrente, assentava-se numa pedra, e comia um pedaço de pão de munição com ar pensativo.

Este grilheta era o sr. Lebrenn. Foi condenado a trabalhos públicos por

étes uma angústia? o presente uma privação? o futuro causa de imensos riscos? e a propriedade um sonho sarcônico? Não, não! Deus é justo... os que triunfam com tanta grandeza, subiram finalmente ao seu Golgotha! O dia da justiça chegou enfim. E eu digo agora, como disse há pouco o pai, meus filhos: "O dia de hoje é grande, belo! dia de equidade, de justiça... e puro de toda e qualquer vinha!"

E aquelas palavras sagradas são o símbolo da redenção dos trabalhadores! disse o sr. Lebrenn designando com o gesto a inscrição da Madalena: *Liberdade—Igualdade—Fraternidade.*

Os transeuntes paravam e, saudando, brandavam com transporte:

— Viva a república!

Lebrenn sorriu, que também não é nosso avô, e que só o querido Jorge gozaria do privilégio de ser seu neto. Porventura não são as nossas afecções as suas e as suas as nossas!

— Meu Deus meu Deus! replicou o velho tão comovido que lhe corriam as lágrimas em fio, que quer que eu lhe responda? E demais...; é demais...;

— Isto é fácil de pensar, avô, redargui Jorge não menos comovido que o velho.

— Meu pai! disse vivamente Sacrovir adiantando-se para a janela. Olhe!

— E acrescentou com delírio:

— O honrado e generoso povo entre todos os povos!

— Ah! o sr. Morin pensa, disse o sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr. Lebrenn pegando numas trêmulas mãos do velho. E aqueles que

cá ficam e que lhe consagrano a sua amizade?

— E que nunca se poderão considerar felizes, acrescentou Veleda pegan-

do na outra mão do velho, e se o sr.

Morin não for testemunha da sua ven-

tura!

— E que também desejam tomá-lo

como exemplo vivo do trabalho e da

coragem, disse Sacrovir com respeito

de quem é o velho, cada vez mais comovido, levava aos olhos

as mãos trêmulas e venerandas.

— Ah! o sr. Morin pensa, disse o sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

gozaria do privilégio de ser seu neto.

Porventura não são as nossas afecções

as suas e as suas as nossas!

— Ir com Deus, sr. Morin disse a sr.

Lebrenn sorriu, que também não é

nosso avô, e que só o querido Jorge

